



VERISSIMO NO TEATRO

Zezé Carneiro / Divulgação



Novo projeto de Deborah Finocchiaro homenageia Erico e sua obra

Em 28 anos de carreira, Deborah Finocchiaro nunca se propôs a pequenos desafios. Textos densos, releituras inusitadas, ela é sempre uma boa surpresa para o público que frequenta os teatros não só gaúchos, mas em vários outros estados.

A nova empreitada da produtora, escritora, atriz e diretora é uma transcrição teatral do

vasto universo do escritor Erico Verissimo. Lírico, cômico, dramático, musical e épico, o espetáculo *Um certo capitão Verissimo* traz uma composição de fragmentos de textos literários, depoimentos, poemas e discursos.

“A peça é um convite a um mergulho na filosofia de Erico Verissimo. Um espetáculo que diverte, encanta,

emociona e ao mesmo tempo provoca questionamentos sobre questões cruciais da nossa época”. É o que explica Deborah no texto de divulgação do trabalho, que estreou em dezembro de 2012, dentro das comemorações dos 10 anos do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo em Porto Alegre/RS.

O Sintrajufe/RS, que já apoiou vários trabalhos

da Companhia de Solos e Bem Acompanhados, também é parceiro neste projeto. O sindicato distribuirá 36 ingressos ao longo da temporada, que vai até o final de abril. Cada sindicalizado terá direito a um ingresso com acompanhante. Para garantir o seu, basta ligar para o Sintrajufe/RS e falar com Ana Paula Faria ou Fabrine (51 3235-1977).

Ditadura civil-militar:
uma ferida aberta na
história brasileira

Jorge Cidade:
o perfil de um colega que
é sucesso nos palcos

Na nossa memória:
envie suas fotos para
publicação no T-Liga+

MEMÓRIA

Divulgação

Ato em frente ao antigo centro de tortura, que será transformado em Centro Memorial Ico Lisboa



Por Rosane Vargas, jornalista

Justiça, verdade, resgate, preservação da memória. Para que essas palavras ganhassem concretude, foram criados, no Brasil, comitês para que não se perca a história do que aconteceu durante a ditadura civil-militar instalada com o golpe de 1964. Essas iniciativas partiram, inicialmente, de ex-presos políticos, familiares e parentes de mortos e desaparecidos. Depois, foram-se unindo pesquisadores, estudantes, jornalistas e outros grupos da sociedade civil.

No Rio Grande do Sul, em junho de 2011, foi criado o Comitê Carlos de Ré pela Verdade e pela Justiça. De acordo com a coordenadora, a advogada Christine Rondon, o comitê existe antes da Comissão Nacional da Verdade e a luta

era que esta fosse também da justiça. No Brasil, explica Christine, a Lei da Anistia autoanistiu agentes do Estado, pois foi pensada principalmente para livrar os torturadores e os assassinos dos presos políticos de pagarem por seus crimes. No entanto, o Brasil é signatário de tratados internacionais que condenam tortura como crime de lesa-humanidade.

Além de lutar pela preservação da memória, o Comitê Carlos de Ré vai além. Um dos trabalhos é o de reconhecimento de locais que serviram como centros de tortura, como o antigo Dops "Dopinha", na rua Santo Antônio e o presídio feminino Madre Peletier, ambos em Porto Alegre. O Dopinha vai se tornar o Centro Memorial Ico Lisboa, uma homenagem a Eurico Tejera Lisboa, opositor morto pela ditadura e primeiro desaparecido,

cujos restos mortais foram encontrados no país. Esse centro será o primeiro do tipo no Brasil.

O trabalho do comitê envolve a descoberta e a ressignificação desses lugares. No Madre Peletier, a partir de conversas entre as mulheres em situação de prisão e ex-presas políticas, as celas em que estas ficaram serão transformadas em um centro de vivência e cultura, um projeto das próprias detentas.

O comitê realiza diversos projetos na área de direitos humanos, com palestras em escolas e universidades e trocas com outros grupos de trabalho do Cone Sul. "Buscamos mostrar como os problemas de hoje são resultado também da falta de democracia de ontem, que todos ainda sofremos com essa herança", diz Christine".

E JUSTIÇA

NOS TEMPOS DA DITADURA

O colega aposentado das varas trabalhistas José Vieira Loguercio começou sua militância na Juventude Católica. Em 1963, ingressou no Colégio Júlio de Castilhos e integrou-se à militância na Ação Popular.

Foi nesse cenário que o pegou o golpe de 1964. Os dispositivos militares do governo Jango não foram colocados em prática e não houve resistência. Para Loguercio, mesmo sabendo-se da Operação Brother Sam, com a qual os Estados Unidos pretendiam invadir o país, "seria injusto com a história dizer que não deveria ter havido resistência".

Ele assumiu a presidência do Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt, que representava 12 cursos da Ufrgs, em abril de 1968. Em 28/3, data de seu aniversário, foi assassinado o estudante Edson Luís, no Rio de Janeiro, pela polícia (essa morte resultou, meses depois, na Passeata dos Cem Mil).

O XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna, interior de São Paulo, em 1968, era uma atividade clandestina. No dia 12/10, cerca de mil es-

tudantes foram presos. A maioria foi liberada, mas havia pedido de prisão preventiva contra 71. Loguercio entre eles. Só conseguiu *habeas corpus* às vésperas do AI-5. Quando voltou a Porto Alegre, foi novamente preso e levado para o Dops de São Paulo.

No Dops, encontrou vários militantes de esquerda presos ilegalmente, massacrados fisicamente. Loguercio ia para os interrogatórios na auditoria de Guerra em carros da Folha de S. Paulo. O que mostra a relação íntima entre a ditadura e a mídia brasileira. Durante o período em que ficou no presídio Tiradentes, viu nascer o embião da tortura como aparato de Estado e ações conjuntas entre Forças Armadas e Polícia Civil para destruir a esquerda. Tentou ficar em Porto Alegre, mas era constantemente vigiado pelo polícia. Com nome falso, foi para Recife, onde militou com assessores de dom Hélder Câmara até 1972, onde, novamente, a perseguição policial o fez assumir nova identidade e ir para outro estado. Foi o período em que a ditadura exterminou seus opositores. Até a anistia, em 1979, Loguercio viveu em absoluta clandestinidade.

Rosane Vargas / Arquivo Sintrajufe



Ele acredita que não se pode pensar o Brasil de hoje sem resgatar essa parte da história e a participação dos Estados Unidos nos golpes na América Latina. "A ditadura foi um imenso retrocesso na educação e no desenvolvimento social e econômico do país. A Comissão da Verdade pode fazer o resgate de parte dessa história, conectar o país com seu passado e com o papel inestimável dos que resistiram", diz Loguercio.

DÊ SUA OPINIÃO

Sua opinião pode ser publicada no *T-Liga+*. Escreva sobre a ditadura no Brasil, comente, contribua com outras informações sobre o tema. Envie para imprensa@sintrajufe.org.br, com 350 caracteres.

IMAGEM EM DESTAQUE



"ESTIVE EM SANTA CATARINA EM DEZEMBRO PASSADO [2011], PASSANDO POR VÁRIOS LOCAIS, DENTRE ELES RIBEIRÃO DA ILHA. O ENTARDECER ESTAVA TÃO ESPETACULAR QUE NÃO CONSEGUIA SAIR DE LÁ!"

Faça como a colega do TRT Rejane König Lebsa e envie suas fotos para imprensa@sintrajufe.org.br.

MÚSICA NAS VEIAS

Com 32 anos de trabalho como gráfico, no TRT, Jorge Cidade Pires certamente é uma das figuras mais conhecidas da Justiça do Trabalho. O que alguns colegas talvez ainda não saibam é que este porto-alegrense de 59 anos é reconhecido, também, pela sua militância musical e seu talento ao saxofone.

Integrante fundador da banda Produto Nacional, lá se vão 20 anos na estrada do reggae, do samba com suíngue e das canções autorais. "Acredito na arte como elemento de educação e transformação", diz Cidade, que começou na música aos 14 anos, quando aprendeu a tocar clarinete na Escola La Salle Pão dos Pobres. O sax tenor, que o acompanha até

hoje, foi adotado por ocasião da criação da banda. O grupo, por sinal, levou o Açorianos de Música, em 2002, pelo disco A mão do justo, além de outras láureas, como o Prêmio Teixeira, da Assembleia Legislativa do RS, pelo trabalho de auxílio às comunidades no combate às desigualdades sociais.

Fã de Paulo Moura, Raul de Souza, John Coltrane, Tom Jobim, Martinho da Vila, entre outros monstros sagrados, Jorge Cidade está empenhado atualmente na produção de um DVD comemorativo dos 20 anos da banda, com um documentário e um show inédito. O trabalho deve estar pronto para lançamento até o final deste ano.

